



UNIVERSIDADE  
EDUARDO  
MONDLANE

FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS  
DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA E ANTROPOLOGIA

**Licenciatura em Antropologia**

*Mecanismos de Gerência de Identidades no Comércio do Sexo: uma análise a partir dos relatos das mulheres trabalhadoras de sexo na Baixa da Cidade de Maputo*

**Autor:** Ricardo Aterimo Cupussa

**Supervisor:** Danúbio Lihaha

**Maputo, Abril de 2021**

*Mecanismos de Gerência de Identidades no Comércio do Sexo: uma análise a partir dos relatos das mulheres trabalhadoras de sexo na Baixa da Cidade de Maputo*

Monografia Científica, submetida ao Departamento de Arqueologia e Antropologia, da Faculdade de Letras e Ciências Sociais, da Universidade Eduardo Mondlane, como parte do requisito parcial para a obtenção do Grau de Licenciatura em Antropologia.

Autor: Ricardo Aterimo Cupussa

---

O Supervisor

O Presidente

O Oponente

---

**Maputo, Abril de 2021**

## **Declaração de Originalidade**

Eu, Ricardo Aterimo Cupussa, declaro por minha honra de que este relatório de pesquisa é resultado da minha investigação pessoal, nunca foi apresentada na sua essência para a obtenção de qualquer grau acadêmico, estando indicado no texto e na bibliografia as fontes que utilizei.

---

*/Ricardo Aterimo Cupussa/*

## **Dedicatória**

Aos meus pais, avôs, irmãos, a toda minha família, aos meus amigos e colegas por tudo.

## Agradecimentos

Agradeço, primeiro, aos meus pais Aterimo Cupussa e Felizmina Manuel, por me dar a luz, cuidar, e acompanhar durante toda minha formação académica, sem me esquecer dos meus avôs, tios e primos, a todos, muito obrigado.

Ao meu supervisor, Danúbio Lihaha, pela partilha de ideias no processo de realização deste trabalho. Aos meus amigos; Sérgio Mabjaia, Benedito Mussa, Francisco Cossa, Salomão Nicasse pelos debates que possibilitaram o nosso crescimento académico. A todos e todas as colegas da turma de Antropologia de 2016 que sempre tornaram as aulas mais divertidas e produtivas.

Extensivamente, agradeço a todos docentes do Departamento de Arqueologia e Antropologia, que directa ou indirectamente acompanharam o decurso da minha formação, especificamente ao Dr. Emídio Gune e ao Dr. Baltazar Muianga do Departamento de Sociologia por ter compartilhado as suas experiências.

A todos os guardas dos estabelecimentos situados nas ruas da Baixa da Cidade de Maputo, especificamente ao Senhor Rosário do estabelecimento do ARPAC – Instituto de Investigação Sociocultural-Sede.

A todas as participantes deste estudo por tornar possível o meu trabalho de investigação nas ruas do Bagamoyo e da Mesquita, a minha profunda e sincera gratidão. A todos e todas, muito obrigado.

## RESUMO

O presente estudo analisa mecanismos de gerência de identidades no comércio das mulheres trabalhadoras de sexo, nas ruas do “Bagamoyo e da Mesquita,” na Baixa da Cidade de Maputo. A análise baseia-se em duas perspectivas: a primeira defende que as trabalhadoras de sexo tendem a ter um comportamento que sobrepõem-se aos demais papéis interferindo nas mais diversas esferas da vida social; A segunda defende que as identidades atreladas a comercialização sexual são resultantes de um processo de aprendizagem em relação com a prática no exercício do quotidiano. Destas duas perspectivas de análise dão-nos a entender de que o fenómeno do comércio de sexo é visto como um olhar negativo. Neste sentido, o estudo procurou compreender como as trabalhadoras de sexo em espaços sociais específicos, gerenciam as suas identidades no exercício das suas atividades que têm vindo a desenvolver nos seus dia-a-dia e nas suas vidas quotidianas por um lado; por outro, como ainda estas trabalhadoras de sexo gerenciam as suas outras identidades nos espaços das suas casas ou nos seus bairros bem como em relação as outras actividades que têm desenvolvido em prol da sociedade. A partir dos resultados etnográficos recolhidos no presente estudo, demonstra-se que as mulheres que exercem as suas actividades profissionais na Rua do Bagamoyo bem como na Rua da Mesquita identificam-se como comerciantes de sexo a partir das suas formas de representação, isto é, em termos de um conjunto de vestuários e produtos utilizados em determinados momentos das suas actividades sexuais, desde as saias e calções curtos, sapatos altos, chinelos, sapatilhas, uso de maquiagens, batons, perucas, extensões, cremes e perfumes. Estes são dispositivos que elas activam no espaço para atrair os clientes que procuram prazeres e diversões sexuais naquelas ruas. No contexto das suas áreas residenciais, essas mulheres apresentam-se com outros tipos de vestes especificamente de capulanas, calças, etc, de modo a exercer as outras atividades nas suas casas, bairros e nos salões de beleza. Assim sendo, quando saem das suas residências para o trabalho sexual elas revestem-se de outras novas identidades e imagem no espaço onde de facto praticam o comércio do sexo.

**Palavras-Chave:** *Mecanismos; Identidade; Gerência de Identidade; Comércio do Sexo; Baixa da Cidade de Maputo.*

## ÍNDICE

CAPÍTULO I.....	1
1. INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO II.....	3
2. REVISÃO DA LITERATURA.....	3
2.1. Problemática.....	7
CAPÍTULO III.....	8
3. CONCEPTUALIZAÇÃO DO COMÉRCIO DO SEXO EM MOÇAMBIQUE.....	8
CAPÍTULO IV.....	10
4. ENQUADRAMENTO TEÓRICO E CONCEPTUAL.....	10
4.1. Quadro Teórico.....	10
4.2. Quadro Conceptual.....	11
4.2.1. Identidade.....	11
4.2.2. Comércio do sexo.....	12
4.2.3. Gerência de identidade.....	12
CAPÍTULO V.....	14
5. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	14
5.1. Método.....	14
5.2. Técnicas de recolha de dados.....	14
5.3. Etapas de pesquisa.....	15
5.4. Critérios de seleção dos participantes na pesquisa.....	16
5.6. Constrangimentos e suas superações.....	17
CAPÍTULO VI.....	20
6. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	20
6.1. Descrição física do local do estudo.....	20
6.2. Caracterização do perfil de grupo alvo entrevistadas.....	21
6.3. O Dia-a-dia das trabalhadoras de sexo nas “Ruas do Bagamoyo e da Mesquita”.....	23
6.4. Trajetórias das mulheres trabalhadoras de sexo.....	25
6.5. O quotidiano das trabalhadoras de sexo nas ruas e nas suas áreas residenciais.....	26
6.6. Mecanismos de gerência de identidades no comércio do sexo.....	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	36

## CAPÍTULO I

### 1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa procura perceber os mecanismos de gerência de identidades por mulheres que praticam comércio de sexo em espaços urbanos. A análise decorreu na intersecção das ruas de Bagamoyo e da Mesquita, na Baixa da Cidade de Maputo, local onde o exercício da prática da comercialização do sexo é mais notável durante de noite.

O conceito de comércio do sexo e a transmutação de identidades das mulheres praticantes da actividade são questões transversais à todas as esferas da sociedade moçambicana. O interesse em estudar este fenómeno de “comércio do sexo” surge através das narrativas das trabalhadoras de sexo, na Baixa da Cidade de Maputo, na Rua do Bagamoyo, intersectando com a Rua da Mesquita, em conversas informais e entrevistas com elas, onde questionava o que faziam naqueles espaços. Ademais, tive que elaborar mais questões para saber mais sobre as suas trajetórias: onde é que elas vivem? Com quem vivem? Como é que se relacionam na sociedade? Como é que chegam naqueles espaços? Por quê fazem aquelas actividades; como é que conquistam os clientes? O que faziam com o dinheiro? E entre outras perguntas que surgiam, durante a entrevista. A seguir analisei a bibliografia disponível, como Livros, Artigos, Teses de Licenciaturas, Dissertações, etc, nas Bibliotecas do Departamento de Arqueologia e Antropologia; Centro dos Estudos Africanos e bibliotecas virtuais, para ter bases para a análise do tema.

A leitura levou-me a constatar que os autores que abordaram o mesmo assunto empregavam o termo “Prostituição”, do qual não me merece satisfatório por ser pejorativo. Por isso, adoptei pelo conceito de “Comércio do sexo” como as trabalhadoras de sexo o apelidam.

As percepções sobre o “comércio do sexo” em lugares específicos sociais determinam as suas formas de ser e estar frente a uma actividade exercida. A partir desta visão, nota-se que os significados das palavras e conceitos “estão localizados no exercício da actividade social” (Mosse 2005). É nesta linha de pensamento que, segundo Peirano (1995) a prática antropológica desenvolve-se e sofisticase quando desafia os conceitos estabelecidos pelo senso comum no confronto entre a teoria que o pesquisador leva para o campo e a observação entre os nativos que estuda.

Os resultados obtidos durante o estudo etnográfico ajudarão as diversas entidades sociais, desde as Organizações Governamentais responsáveis pela planificação de Políticas Públicas da urbe para reflectirem e criarem leis que defendam os direitos das profissionais do sexo, marginalizadas pela sociedade no seu quotidiano.

O trabalho tem por objectivo geral compreender as rupturas e as continuidades identitárias das mulheres trabalhadoras de sexo relativamente aos seus espaços residenciais, isto é, das suas casas ou bairros e nos espaços onde exercem as suas actividades profissionais. Especificamente, objectiva mostrar o dia-a-dia das trabalhadoras de sexo nas ruas do Bagamoyo e da Mesquita; ilustrar as trajectórias delas e, analisar o quotidiano das mesmas sobre os mecanismos de gerência de identidades nas Ruas do Bagamoyo e da Mesquita.

Este trabalho está estruturado em seis (6) capítulos: O capítulo I corresponde a presente introdução. O capítulo II apresenta a revisão da literatura e em seguida a problemática. O capítulo III apresenta a conceptualização do Comércio do Sexo em Moçambique. O capítulo IV apresenta o enquadramento teórico e conceptual que vem guiar o respectivo trabalho e conceitos definidos.

O capítulo V apresenta os procedimentos metodológicos, que inclui o método utilizado no estudo; os instrumentos e técnicas de recolha de dados; as etapas de pesquisa; os critérios de selecção dos participantes na pesquisa e em seguida são ilustradas os constrangimentos e as suas superações. O capítulo VI apresenta os resultados e análise dos dados, sendo numa primeira fase a descrição física do local de estudo; a caracterização do grupo alvo entrevistado; o dia-a-dia das trabalhadoras de sexo nas ruas do Bagamoyo e da Mesquita; as trajectórias dessas trabalhadoras de sexo; o quotidiano das trabalhadoras de sexo nas ruas e nas suas áreas residenciais; os mecanismos de gerência de identidades no comércio de sexo; de seguida são as considerações finais.

E por fim listam-se as referências bibliográficas citadas ao longo deste trabalho etnográfico.

## CAPÍTULO II

### 2. REVISÃO DA LITERATURA

A literatura mostra-nos que há autores que analisam a temática de mecanismos de gerência de identidades no comércio do sexo em contexto das mulheres trabalhadoras de sexo. Nessa análise seguem duas linhas de abordagens.

A primeira linha adoptada por Guerra (2015), defende que as trabalhadoras de sexo tendem a ter um comportamento que sobrepõem-se aos demais papéis, interferindo nas mais diversas esferas da vida social. Segundo Correia (1991); Goffman (2002) e Lopes (2001), a sociedade cria um conjunto de categorias e atributos que definem a normalidade e sob os quais os indivíduos devem-se comportar e gerenciar as suas identidades. Assim sendo, fica por compreender como as trabalhadoras de sexo nos seus espaços específicos sociais gerenciam as suas identidades com relação ao exercício das suas actividades que têm vindo a desenvolver no seu dia-a-dia.

A segunda abordagem, adoptada por Dubar (1997); Jodelet (2001); Guba e Lincoln (2004) defende que as identidades atreladas a comercialização sexual são resultantes de um processo de aprendizagem em relação com a prática no exercício do quotidiano. No entanto, a sociedade cria um conjunto de categorias que definem a normalidade e sob os quais os indivíduos devem-se comportar e gerenciar as suas identidades.

Dito de outro modo, os espaços constituem locais que a socializam uma experiência que identifica as trabalhadoras de sexo, com os grupos alternados. Esta é uma maneira de compreender as suas identidades na medida em que se cria uma rede de reconhecimentos e relações que estabelecem nos seus locais.

No entanto, as representações das identidades das mulheres trabalhadoras de sexo são socialmente reguladas, tendo em conta que os sujeitos que aderem àquele espaço social arriscam as suas formas de inserção durante o contacto de negociação, sendo o conflito a via natural de autonomia. Isso resulta de uma luta da autodeterminação do “eu” no contacto com o outro e nos jogos de poder que se estabelecem em torno do reconhecimento de um conjunto de relações sociais (Correia 1991; Goffman 2002; Guerra 2015 e Lopes 2001).

Lopes (2001), demonstra três abordagens discursivas: a primeira abordagem pressupõe que:

a socialização organiza-se segundo o princípio de todo indivíduo que possui certas categorias sociais têm o direito moral de esperar que os outros valorizem e o tratem de modo adequado; a segunda ilustra que o indivíduo que oculta ou demonstra certas categorias sociais deverão comportar-se na realidade de acordo com aquilo que regem uma determinada ordem social; e a terceira, segundo o autor (idem), o indivíduo interage consigo e com os outros através de um processo comunicativo divulgado pela sua capacidade interpretativa do universo simbólico em que se insere (Lopes 2001: 37).

Neste sentido, se se considerar estas três abordagens que Lopes pressupôs, pode-se observar que os indivíduos nos seus espaços interpretam os seus universos simbólicos de modo a conservarem-se das suas identidades. Mas isso só pode ser possível através das informações sociais que os indivíduos têm, bem como diz Goffman (2002) “definem as suas situações e planejam as suas linhas de ação” (Goffman2002: 27).

Lopes (2001) e Goffman (2002) corroboram no facto de que os próprios indivíduos além dos papéis que são impostos pela sociedade eles já vêm assumindo vários “eus”, isto é, várias identidades que permitem, de certa forma, transmitir certas aparências em função das expectativas que pode-se notar sobre eles num determinado contexto social em estejam inseridos.

A questão do ser (self) pode-se observar que é transformado de acordo com o indivíduo que exerce ou desempenha vários papéis sociais. Com isso, ele já resulta não, simplesmente, da questão da socialização primária que tem vindo a exercer na sociedade, mas também o mesmo indivíduo, isto é, o “eu” é compreendido através do processo de interacção com o seu meio social que nele está inserido nos espaços específicos (Goffman 2002).

A segunda abordagem cujos autores proeminentes são Dubar (1997); Jodelet (2001); Guba e Lincoln (2004), também, vêm explicando as identidades das trabalhadoras de sexo. Estes autores ilustram que as identidades atreladas a comercialização sexual são vistas como resultados de um processo de aprendizagem em relação com a prática no exercício do quotidiano.

A sociedade cria um conjunto de categorias e atributos que definem a normalidade e sob os quais os indivíduos se devem comportar e agir dentro do seu contexto social. São essas categorias que ilustram como atributos e que definem a identidade social do indivíduo e que isto vai determinar a forma como estes se relacionam com os demais membros duma determinada colectividade (Dubar 1997; Jodelet 2001; Guba e Lincoln2004).

Sintetizando, os autores demonstram-nos que o indivíduo tem um conhecimento das expectativas que a sociedade têm sobre ele, visto que o indivíduo, de certa forma, tende a oferecer a identidade que esta espera dos outros diferentes grupos existentes nos seus espaços de modo a garantir a sua identidade com os outros membros nos seus contextos sociais (Dubar 1997; Jodelet 2001; Guba e Lincoln 2004). Segundo Castells (1999), “o indivíduo teria várias identidades conforme os papéis e contextos em que se inserem de modo a garantir sua interação com os outros sujeitos” (Castells 1999: 191).

Por outras palavras, a sociedade cria vários meios para definir certas normalidades que possam moldar as expectativas dos indivíduos para garantir a forma como esses devem agir num determinado contexto social. É nesse caso que Castells (1999) denomina como “identidade real” onde a sociedade espera que o indivíduo seja como ele é. O resultado disso são as acções e os comportamentos dos indivíduos perante a sociedade. Essas formas de ser são construídas a partir das suas possibilidades marcadas pelo processo de socialização. Os indivíduos aprendem as normas e regras da sociedade que fazem com que haja certos diálogos entre as pessoas (Castells 1999: 21 – 22).

Segundo Hall (2006), a “gerência das identidades sociais são vistas através dos conflitos sociais, onde o indivíduo enfrenta nas suas interacções sociais”. Ainda este autor (idem) mostra que, esses conflitos provêm do facto de que o indivíduo já se atrai se mantendo coerentemente com a sua personalidade. Ao mesmo tempo, esse indivíduo busca, entretanto, reconhecer-se como membro de uma comunidade (Hall 2006: 31). Desse modo, os mecanismos de gerência de identidades variam de acordo com as situações em que os indivíduos interagem socialmente (Dubar 1997).

Segundo Dubar (1997), nos mecanismos de gerência de identidades “temos que ter em conta o intercâmbio entre situações estruturantes que os indivíduos vão enfrentando no quotidiano, em casos de existir uma retórica estruturante entre os factores que concorrem para formação de identidades anteriores como nos contextos atuais”. Visto que no processo de construção não conhece rupturas significativas, o contexto social específico é compreensível através da gestão dos conflitos que possam advir das diferentes perspectivas entre os actores em interacção (Castells 1999).

Nessa construção de identidade nota-se as rupturas significativas dos indivíduos, sendo que estes a vista do público são estigmatizados. Como lembra Goffman (1978) “os indivíduos que vivem

estigmatizado/as não lhes conseguem dar o respeito que ele/a merece tendo em conta a sua identidade, suas características consideradas negativas. O indivíduo espera quaisquer considerações em virtude de sua identidade não ser completamente infestada de negatividade” (Goffman 1978: 23).

Resumindo, os indivíduos em certos momentos corrigem-se directamente da sua base objectiva, fonte de estigmatização, estando, por vezes, em situação acompanhada de dor ao ser estigmatizado pelos outros sujeitos num determinado espaço social.

Entretanto, às duas linhas de abordagens, tanto a primeira quanto a segunda, ajudam-nos a compreender que a sociedade cria um conjunto de categorias que definem a normalidade e sob os quais os indivíduos se devem comportar e agir. Nesse discurso, pode-se notar que isso já não permite abrir, de certa forma, o espaço para poder compreender as lógicas que estruturam a vida quotidiana das mulheres trabalhadoras de sexo, visto que alguns autores acima citados limitam-se em abordar os papéis dos indivíduos na sociedade. Assim sendo, é necessário olharmos os indivíduos de acordo com as suas situações de interações sociais onde se encontram inseridos nos seus espaços ou contextos específicos sociais.

É nessa perspectiva que a presente pesquisa procura analisar os mecanismos de gerência de identidades no comércio do sexo em contexto das mulheres trabalhadoras de sexo, na Baixa da Cidade de Maputo, na “Rua do Bagamoyo intersectando com a Rua da Mesquita”.

A escolha destas ruas deveu-se pelo facto de constituírem as que mais registam a ocorrência do comércio do sexo. Nelas existe muita movimentação de carros e pessoas com destino àqueles espaços sociais. Além disso, nestas ruas são há de discotecas, bares, hotéis, esquinas e pensões, estes que encontram-se a vista das ruas. E por isso, neste espaço, concentram-se pessoas de diferentes estatutos e idade que bebem nos bares, a divertirem-se e procuraram prazeres sexuais.

## **2.1. Problemática**

O comércio do sexo é uma prática exercida em lugares diversificados, por trabalhadoras de sexo, nos espaços específicos. Nestes espaços, há certas lógicas, regras e representações diferentes, que visam transformar uma aparente identidade para uma identidade construída em espaços sociais. Portanto, face as e abordagens tomadas na revisão da literatura sobre a temática, que por um lado aponta para os comportamentos das trabalhadoras de sexo em relação aos papéis que interferem na vida social. Por outro, aponta para os processos de aprendizagens em relação às práticas dos exercícios das suas vidas quotidianas.

Diante dessas duas perspectivas podemos notar que estas são importantes, mas de um lado negativo, contudo, uma parece ser mais forte e parece estar mais inclinada na análise sobre o fenômeno do comércio do sexo. Mas com isso, nessa análise que uma das perspectivas que na revisão da literatura traz, não chega a analisar na atualidade este fenômeno do comércio do sexo, visto que as profissionais de sexo são atores sociais que se organizam e dão significado as suas vidas, ações, práticas e percepções. Sendo assim, a minha preocupação nesse projeto de pesquisa e no estudo que eu me propus a analisar, resume-se na pergunta de partida que é: de que forma se prosseguem as rupturas e as continuidades identitárias das trabalhadoras de sexo relativamente aos seus espaços residenciais, isto é, das suas casas ou bairros e dos seus espaços de exercícios das suas atividades profissionais?

## CAPÍTULO III

### 3. CONCEPTUALIZAÇÃO DO COMÉRCIO DO SEXO EM MOÇAMBIQUE

Para além de muitos outros fenómenos que surgem com a modernidade e com o desenvolvimento de Moçambique, especificamente em Maputo, o comércio do sexo têm vindo a ser praticado em várias artérias da cidade, onde o exercício desta actividade encontram-se grupos de mulheres desenvolvendo este trabalho como profissionais por um lado e outras, por outro, buscando mecanismos de sobrevivência através do seu corpo. Cada vez mais se pratica o comércio do sexo em Moçambique. Esta profissão não é recente é histórica, mas tem vindo a ganhar uma dimensão, particularmente, na cidade de Maputo, estendendo-se, deste modo, para os chamados “novos bairros”. Assim sendo, mais focos da comercialização do sexo têm surgido em Maputo (Abrahamsson e Nilsson1999: 59).

Em Moçambique, concretamente em Maputo, esta prática está a aumentar de forma exponencial com os novos focos de comércio do sexo incluindo os chamados “novos bairros da Expansão” (Camacho e Rocha 2003). Segundo Muianga (2009), os primeiros casos da comercialização do sexo remontam ao período colonial, com a descoberta das minas de Ouro na terra do Rand e a construção de linha férrea para o Transval, os diamantes de Kimberly que por volta de 1980 Lourenço Marques actualmente conhecido por Maputo, conheceu um movimento de homens provenientes de vários pontos geográficos que arriscavam as suas vidas em busca de melhores condições de vida longe das suas famílias.

Ainda segundo Muianga (2009), nesse período, a ideia de bar servia, entretanto, de uma cobertura do amor carnal efetuada por uma negociação. O bar era visto como sítio que continha a venda de álcool e as mulheres vendiam-se em forma de leilão por cima das mesas dos bares, oferecendo-se aos clientes que mais tinham dinheiro. As mulheres comercializavam-se nesses lugares. No princípio, essas mulheres eram de origem europeia, sendo estas recrutadas em países como Portugal, França, Itália, pelos proprietários dos estabelecimentos mais espectaculares.

Segundo Silvestre (2010), nos últimos anos observa-se que a actividade do comércio do sexo ganhou maior visibilidade verificando-se, actualmente, um número crescente de mulheres, incluindo menores de idade que comercializam o sexo de forma aberta nas artérias da cidade de Maputo. Segundo Abrahamsson e Nilsson (1999), com a abertura económica e política criada pelo PRE favoreceu um ambiente muito mais tolerante para a prática desta actividade, que

subsiste com múltiplos contornos em Moçambique e na cidade de Maputo em particular (Abrahamsson e Nilsson1999: 59).

De acordo com o Projecto de Inclusão do Programa Geração BIZ de 2008, estima-se existe mais de 30,000 trabalhadoras do sexo em Moçambique, e mais de 40% com idades compreendidas entre 15 e 29 anos. Na Cidade de Maputo, os dados da Direcção de Saúde da Cidade estimam a existência de 5,000 trabalhadoras do sexo com idades compreendidas entre os 12 e 30 anos de idade de acordo com a estatística.

Ainda, na cidade de Maputo, foram realizados alguns estudos etnográficos sobre este fenómeno da comercialização do sexo. Podemos destacar o estudo realizado na Rua Olof Palme efetuado por Tinta (2013), este QUE ABORDOU sobre “a vida através dos riscos” em relação às trabalhadoras de sexo. O outro estudo foi realizado na Avenida Armando Tivane, efetuado por Guerra (2015) este estudou a “gestão de identidade” das trabalhadoras de sexo naquela rua (Guerra 2014 e Tinta 2013).

Há que destacar um outro estudo realizado por Alberto (2013), na cidade da Matola com o tema trabalho, “lazer e sensualidade” numa oficina mecânica de automóveis em Kassi-Kassi. Este autor, demonstrou que o local não era apenas visitado por clientes homens que levavam os seus carros a reparação. Era frequentemente também por mulheres não clientes da oficina que procuravam parceiros sexuais de “vida estável” momentâneas ou para “vida inteira” (Alberto 2013: 27).

Ainda, Alberto (2013), nesse estudo, observou que a oficina sendo um espaço de representação de viaturas era tomada em simultâneo como um espaço de lazer, sedução associada as actividades sexuais pelos clientes homens e frequentadores por mulheres não clientes da oficina, nas horas normais de expedientes.

Segundo Muianga (2009), na capital da província de Tete em locais como no Complexo/ Motel Mtundzi-Distrito de Moatize localizada na beira da estrada principal, que serve de corredor entre a Província de Tete e os diversos Países fronteiriços como o caso de Zimbabwe, Malawi, e Província da Zambézia, também é possível notar o fenómeno da comercialização sexual em algumas discotecas da capital. Bem como também no caso de Tete, sendo em lugares particulares como nos lugares denominados como Complexo Desportivos, nas Barracas da Cidade e, entretanto, na Rua dos Macondes.

## CAPÍTULO IV

### 4. ENQUADRAMENTO TEÓRICO E CONCEPTUAL

Nesta parte do trabalho apresento o quadro teórico bem como os conceitos definidos que guiarão a presente pesquisa.

#### 4.1. Quadro Teórico

Para a análise dos dados sobre os mecanismos de gerência de identidades no comércio das mulheres trabalhadoras de sexo na rua do Bagamoyo intersectando com a rua da Mesquita, foi adoptada a teoria interpretativa construtivista. A teoria interpretativa construtiva permite “captar os sentidos dos discursos ou as ações sociais partilhadas entre indivíduos dentro de um contexto que nelas sejam nuns lugares específicos sociais” (Geertz 1989).

Essa teoria permite compreender como é que os indivíduos percebem nos seus espaços específicos sociais em relação aos seus modos de ser, estar, e agir, garantindo as suas formas identitárias dentro dum ambiente ou contexto específico social. Buscando essas realidades particulares dos indivíduos, notaremos as descobertas dos significados e experiências iluminadores que os mesmos atribuem as suas acções em determinados contextos específicos que tais indivíduos estão inseridos em espaços sociais.

Entre as acções e as palavras dos indivíduos em espaços sociais é preciso compreender, primeiro, para que sejam interpretados. Visto que os indivíduos quando falam usam vários significados para definir o que lhes acontece seu quotidiano.

É a partir desta linha de pensamento que segundo Geertz (1989), os significados das descrições das culturas devem ser calculadas em termos das construções que imaginamos e que os nativos colocam através das suas vidas em que estes levam ao seu redor. Entretanto, esta teoria interpretativa construtivista neste estudo permitiu-nos compreender que as identidades dos indivíduos são geridas dependendo de vários condicionantes pela envolvente sociocultural e espacial. Estas são construídas, de igual modo, através dos contextos em que os mesmos indivíduos movem-se em determinados espaços específicos sociais.

## **4.2. Quadro Conceptual**

Para nesta parte, pretendo ilustrar os seguintes conceitos-chave como: Identidade, Comércio do Sexo, e Gerência de Identidade.

### **4.2.1. Identidade**

Segundo Machado (2003), a identidade é um fenómeno que se processa ao longo da vida do indivíduo actuando como mecanismos reguladores das interacções sociais e da presença do outro na vida pessoal (Machado 2003: 55). Esta identidade envolve reivindicações essencialistas sobre quem pertence e quem não pertence a um determinado grupo identitário. Neste sentido, nota-se que esta identidade é vista como fixa e imutável (Woodward 2000).

A partir desta conceptualização de “identidade” que Machado e Woodward apresentam, depreende-se que há dois tipos de identidade.

O primeiro, é a identidade pessoal do sujeito, este considerado estático, preso no tempo e no espaço de forma categórica. É um conjunto de representações criadas pelos indivíduos que interagem e identificam-se em espaços específicos, isto é, o espaço entre o interior e exterior, entre o mundo pessoal e o mundo público, levando em consideração os aspectos como valores e normas que as distinguem das suas representações em relação aos significados e opiniões que eles têm de se mesmos. A identidade pessoal do sujeito só é concebida como o que existe de mais íntimo pessoal (Goffman 2002 e Dubar 2006).

Segundo Velho (2009) e Dubar (2006), a identidade pessoal do sujeito é construída da memória através da visão retrospectiva e de projectos-visão prospectivo, olhando para trás e para frente, o agente individual que denominamos de sujeito reinterpreta com maior ou menores visões o seu passado e o seu futuro. A pessoa já se constrói a partir duma modalidade particular, a da distância em relação a um papel da não coincidência entre a identidade atribuída (por Outro) e a identidade reinventada (por Si) (Velho 2009: 15 e Dubar 2006: 150).

O segundo tipo é identidade social é considerado como dinâmica construída através de processos sociais. Segundo Machado (2003), “a identidade social é uma representação que um indivíduo dá a si mesmo perante um grupo”. Isso resulta por um mecanismo essencial da construção dos sujeitos através dos factores sociais envolventes. Assim sendo, esta identidade

apresenta-se como uma formulação da interacção entre o “eu” e a sociedade (Hall 2001; Silva e Vergara 2000).

Constata-se que tanto pessoal quanto a social, fazem parte de dois interesses e definições de outras pessoas em relação ao indivíduo, os quais podem surgir antes mesmo desde nascer. A identidade do “eu” é uma questão subjectiva e reflexiva que deve ser necessariamente vivenciado pelo indivíduo. Assim, a identidade é uma construção através das escolhas dos indivíduos que partem da constituição de uma multiplicidade de papéis sociais que os tais indivíduos são impostos pela sociedade e que nelas também constroem a vista das interacções sociais (Goffman 1978).

#### **4.2.2. Comércio do sexo**

O comércio do sexo é uma prática que implica a troca consciente de relações sexuais pelo dinheiro ou outros bens, etc. Esta prática também pode ser definida como uma forma de troca tanto económica quanto sexual que ultrapassa a si mesma, sendo que, nesse universo são construídas identidades e relações sociais, ambas imersas em valores tanto económicos quanto de ordem afectiva (Muianga 2009 e Russo 2007).

Ainda, o conceito de comércio do sexo é entendido como sendo uma actividade onde os actos sexuais são realizados em troca de um pagamento. Assim sendo, esta profissão caracteriza-se por ser de ordem cultural e socialmente determinada, variando constantemente de sociedade para sociedade conforme o contexto em que pode-se notar a tal prática (Lee e O’ Brien 2007).

Segundo Russo (2007), a procura por profissionais do sexo é motivada pela busca de um tipo específico de mulher, de prazer ou de fantasia sexual, de forma que não se trata de um serviço prestado por qualquer sujeito do sexo feminino, mas por uma mulher específica “a profissional do sexo”, pois esta está inserida em um contexto particular, que proporciona sensações próprias e uma gama de possibilidades e experiências específicas (Russo 2007: 60).

#### **4.2.3. Gerência de identidade**

O conceito de gerência de identidade é, antes de mais, uma questão pessoal, onde o indivíduo se regula em espaços específicos sociais em que nele se encontra inserido. Isso só adquire significado no confronto em que o sujeito tem consigo próprio e com o “outro” no seio de uma estrutura social onde os poderes se encontram desigualmente distribuídos. Está se falando de

indivíduo como categoria básica constitutiva, através de interação da vida social e pela sua personalidade (Velho 2009).

Também o conceito de gerência de identidade passada pela percepção do indivíduo é que, este é notável pelo sistema de interações em que os indivíduos se movem através de trajetórias que raramente são lineares num sentido mais restrito, complexificando as noções da consistência das suas bases identitária em espaços que estes diferem-se um dos outros (Velho 2009).

Segundo Silva (2003), nos últimos tempos têm-se verificado variadas transformações sociais em vista do gerenciamento de identidade como sendo o conjunto de qualidades inerentes aos indivíduos que se distinguem uns dos outros nos espaços sociais. Nesse cenário, observa-se que no quotidiano, os indivíduos assumem identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor do “eu”, e que não permanecem com os mesmos comportamentos (Silva 2003: 81).

## CAPÍTULO V

### 5. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesta parte, descrevo o método utilizado neste estudo, as técnicas de recolha de dados, as etapas de pesquisa, os critérios de seleção dos participantes na pesquisa, e por fim, os constrangimentos e suas superações.

#### 5.1. Método

O estudo é de carácter exploratório com base no método qualitativo em que nele explorei as narrativas sobre a questão de ‘mecanismos de gerência de identidades no comércio das mulheres trabalhadoras de sexo’. Assim, nesse estudo exploratório foi feito na base de uma aproximação fundamental e de intimidade entre o pesquisador e o objecto de estudo (Minayo e Sanches 2012).

A opção pela pesquisa qualitativa, isto é, o método qualitativo em combinação com técnicas e instrumentos de observação como, neste caso, o ‘olhar, ouvir e escrever’ permitiram-me alcançar as informações pretendidas apenas com poucos interlocutores visto que os números das entrevistadas na pesquisa qualitativa não invalidam a fiabilidade dos resultados (Cardoso de Oliveira 2006 e Goldenberg 2000).

Segundo Minayo e Sanches (2012), o material primordial da investigação qualitativa é a palavra que expressa a fala quotidiana, seja nas relações afectivas e técnicas, seja nos discursos intelectuais, burocráticos e políticos. O confronto da fala resulta de uma tarefa complementar e concomitante da investigação qualitativa que em alguns casos limitam-se ao material discursivo (Minayo e Sanches 2012: 245).

#### 5.2. Técnicas de recolha de dados

As técnicas de recolha de dados usadas durante o processo da pesquisa foram: numa primeira fase, a observação directa baseada no trabalho de campo; de seguida, na segunda fase, foram feitas anotações no diário de campo com vista a registar e delimitar o espaço pesquisado, e por último, na terceira fase, foram feitas entrevistas semiestruturadas com base nas conversas informais usando o gravador de voz e a percepção intelectual.

A observação directa baseada no trabalho de campo, segundo Quivy e Campenhoudt (2003), utiliza todos os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade, sendo que o próprio

investigador procede directamente à recolha das informações no local onde pretende estudar. Esta ferramenta é útil para a exploração de tópicos de interesse e identificação de questões relevantes sobre o objecto de estudo. E esta dimensão é feita através de uma “descrição densa” (Geertz 1989: 51).

No tocante ao uso de blocos de notas, segundo Bertaux (2002), “as notas de campo elas funcionam como que um registro colectado durante uma observação, representando um instrumento de colecta de dados para pesquisa qualitativa”. Ainda para o autor (idem), para que as anotações estejam de acordo com o objectivo da pesquisa, é necessário um plano prévio do que deve ser anotado e observado, delimitando claramente o foco da investigação, para que não se desvie da proposta inicial da pesquisa (Bertaux 2002: 94).

Quanto as entrevistas semiestruturadas, segundo Gil (1987), apresenta-se como sendo um tipo de entrevista mais espontâneo do que a entrevista estruturada, onde nela, o investigador tem um conjunto de questões predefinidas, mantendo a liberdade para colocar outras cujo interesse surja no decorrer da entrevista. Sendo algo flexível, a entrevistas semiestruturada possibilita que sejam exploradas outras questões que surjam no decorrer da entrevista, mesmo quando saem um pouco do guia do entrevistador (Gil 1987: 132).

### **5.3. Etapas de pesquisa**

A pesquisa foi realizada em três (3) etapas nomeadamente: a primeira foi a recolha de dados etnográficos no campo; a segunda foi a revisão da literatura; e a terceira sendo a última etapa foi a organização e análise dos resultados.

Quanto a primeira etapa, que corresponde a recolha de dados etnográficos no campo, esta teve o seu início no mês de Março de 2018 e por sua vez em Dezembro do mesmo ano houve uma interrupção tendo continuado em Março de 2019 e o seu término em Novembro do mesmo ano. Os dados etnográficos foram colhidos na Cidade de Maputo, concretamente na ‘Rua do Bagamoyo’ intersectando com a ‘Rua da Mesquita’, às vezes, de dia e com maior incidência nas noites. Por semana, fazia-se as ruas, seis (6) a cinco (5) vezes, observando, registando “coisas”, os movimentos das pessoas indo e vindo, e as ninteracções estabelecidas naqueles espaços. Diante disso, também estabeleci interacções e fiz entrevistas semiestruturadas com o grupo-alvo em conversas informais.

Na segunda etapa, que corresponde a revisão da literatura, foram feitas leituras de livros, artigos, dissertações e teses de licenciaturas sobre a temática. Esta foi feita no fim de Novembro e o seu término em Dezembro de 2019. As leituras foram feitas na Universidade Eduardo Mondlane concretamente na Biblioteca do Departamento de Arqueologia e Antropologia, de seguida na Biblioteca Central Brazão Mazula, por outro lado, na Biblioteca do Centro de Estudos Africanos e em seguida nas bibliotecas virtuais. Durante o processo da revisão da literatura, objectivei a determinação do ‘estado de arte’.

A terceira e última etapa, que corresponde a organização e análise dos resultados, foi feita em Dezembro de 2019 e o seu término foi no mês de Novembro de 2020. Esta fase foi feita em casa, isto é, na residência universitária (R5) localizada no Bairro Sommerchild, Avenida Mão Tsé Tung 1.168 onde resido.

#### **5.4. Critérios de selecção dos participantes na pesquisa**

No que diz respeito ao critério de selecção dos participantes no processo de trabalho etnográfico, é de referir que este foi baseado em escolha intencional, tendo em conta que algumas participantes mostravam-se indisponíveis para dialogar, pois, segundo elas, isso não as traria nenhum ganho monetário muito menos satisfatório. Diante desta situação, decidi em criar amizade com uma das participantes. Foi a partir deste ponto que tive uma melhor imersão e familiarização com o grupo alvo obtendo deste modo, conversas informais e outras conversas que já não permitiam revelar naquele espaço social.

No universo da prática do comércio de sexo onde tive a possibilidade de fazer o estudo enfrentei certos desafios pessoais como a questão das características individuais, em suma, a questão da minha personalidade resultante de aspectos culturais das minhas crenças e dos valores morais por mim incorporados.

Para ultrapassar os tais desafios, encarei-os de forma muito natural, desfazendo-me das pré-noções, dos preconceitos, de modo a socializar-me com o universo em questão, isso para que não houvesse confrontos entre a minha personalidade resultante da ordem cultural e moral, visto que, deparei-me com um universo diferente e desafiador pela forma como as coisas lá são encaradas e enfrentadas, bem como pela forma como é levado a cabo as diversas maneiras das actividades sexuais.

Enfrentar os desafios inerentes no mundo da prática do comércio de sexo remete-nos a não ter os preconceitos, as pré-noções, de modo a saber compreender os aspectos sobre os princípios que os seres humanos inseridos em espaços sociais adoptam os seus valores, normas, regras, etc., isto que regem as suas convivências e que estes são pautados pelas suas acções e percepções em relação ao dia-a-dia e pelas suas práticas da vida quotidiana.

Ainda em relação ao universo das práticas do comércio do sexo, é de referir que neste trabalho preservo a confidencialidade das mulheres trabalhadoras de sexo, preservo também as identidades destas usando nomes fictícios, seja em gravações das vozes destas, no momento das conversas informais que tivemos, bem como tudo o que foi registado naqueles espaços sociais usando o meu bloco de notas. É de referir que, durante o percurso da realização desta pesquisa não foram tiradas fotografias das participantes e nem vídeos de filmagens.

Os nomes das trabalhadoras de sexo, isto é, todos os nomes fictícios apresentados ao longo deste texto, foram por mim criados, isso devido ao respeito, consideração e confidencialidade. Não são nomes verdadeiros pela natureza sensível do tema que tenho abordado nesse trabalho de investigação.

Para enfrentarmos uma sociedade diferente da nossa, valendo-se de uma abordagem científica, é necessário destruímos os nossos preconceitos, as nossas pré-noções, com vista a desfazermos das representações mentais assumidas nos meios das nossas sociedades. Entre esses preconceitos, as pré-noções, figuram por certa forma, da pretensão da superioridade cultural que nos impedem de aceder a uma abordagem meramente científica, sobre as diversidades humanas e as práticas dos indivíduos inseridos nos seus contextos específicos sociais (Colleyn2005: 27).

### **5.6. Constrangimentos e suas superações**

No processo de recolha dos dados, deparei-me com seis (6) constrangimentos que aparecerão naquele espaço social.

O primeiro constrangimento foi a questão da interacção com as trabalhadoras de sexo nos seus locais de trabalho, tendo em conta que eu ocupava a posição de pesquisador, por conseguinte, compreendido como um intruso, e de outro lado, por eu pertencer ao sexo masculino, sendo assim confundido como um cliente que precisava dos serviços prestados naquele espaço social.

Para superar o constrangimento, tive que fazer-me como um dos clientes de modo a ter uma empatia com o grupo alvo.

O segundo constrangimento no terreno foi a questão da minha presença quando eu conversava com uma das participantes, pois, apareciam clientes e ela tinha que afastar-se de mim, dizendo, “amigo o tempo é dinheiro deixe-me atender os clientes, aqui eu vinha trabalhar ter dinheiro você não sabe que assim eu parado contigo, vou perder eles?”. Para superar esse constrangimento, tive que explicar a ela de que eu sou estudante e apresentei o meu cartão de estudante explicando de que estou aqui para realizar um trabalho sobre elas. A partir das respostas que fui obtendo constituíram o motivo pelo qual tive que pagar pelo tempo e pela privatização da actividade que ela desempenhava naquele espaço.

O terceiro constrangimento foi a questão do uso de gravador de voz. Este instrumento foi muito importante na captação dos dados colhidos no espaço visto que as entrevistas realizadas foram evidentemente gravadas e captadas de tal forma como elas narravam no decurso da entrevista. A gravação também tinha certas limitações na medida em que quando eu gravava algumas vozes das informantes, estas recusavam serem gravadas. Para superar este constrangimento optei em fazer a retenção das vozes das informantes na minha memória de modo a descreve-lo no meu bloco de notas.

O quarto constrangimento deu-se durante a entrevista com o grupo focal composto por nove participantes. Em relação a isso, das sete participantes previamente escolhidas, somente tive acesso apenas cinco participantes que conversamos assuntos relacionados com as suas histórias de vida. As conversas tinham aproximadamente a duração de duas horas e meia. As outras duas não se faziam presente no espaço, em quanto que a outra uma dizia o seguinte, “não preciso falar da minha história de vida”, ela alegava que faz parte da ética do seu trabalho ocultando a sua própria identidade.

O quinto constrangimento foi a questão da língua Changana em que as trabalhadoras de sexo falavam entre elas e em alguns momentos com as outras pessoas que ali acorriam naquele espaço social. Isso limitava-me em não perceber certas conversas informais que ali decorriam. Para superar o tal constrangimento, tive que pedi-las a traduzir para a língua Portuguesa. E com o apoio do guarda que trabalha num dos estabelecimentos duma instituição, também facilitou-me a traduzir certas conversas informais que eram relatadas pelas mesmas trabalhadoras de sexo em

interacção com eles e com os clientes que acorrem no espaço onde realizam as práticas das actividades sexuais.

O sexto e último constrangimento tive aquando da passagem por ali de dois policiais, que faziam rondas por aquele local. Os tais polícias me interromperão quando eu estava conversando com duas trabalhadoras de sexo naquele local. Os polícias estavam munidos de fardamentos iguais, isto é, calças azuis, camisas azuis, sapatos pretos tipo botas, estes apurados e em suas cabeças usavam chapéus, escrito “Polícia”. Quando vieram naquele espaço, uma das trabalhadoras de sexo diz o seguinte “haaa esses já iniciaram nos atrapalhar nossos negócios aqui”, daí às duas trabalhadoras de sexo saíram do espaço onde conversávamos assuntos relacionados com as suas histórias de vida delas.

## CAPÍTULO VI

### 6. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Nesta parte do trabalho apresento a descrição física do local do estudo; a caracterização do perfil do grupo alvo entrevistado; o dia-a-dia das trabalhadoras de sexo na Rua do Bagamoyo intersectando com a Rua da Mesquita; as trajectórias das mulheres trabalhadoras de sexo; o quotidiano das trabalhadoras de sexo nas ruas assim como nas suas áreas residenciais, e por fim, os resultados dos mecanismos de gerência de identidades no comércio do sexo.

#### 6.1. Descrição física do local do estudo

O local da realização deste estudo situa-se na Cidade de Maputo especificamente na Baixa da Cidade na “Rua do Bagamoyo intersectando com a Rua da Mesquita”. A rua do Bagamoyo é uma rua recta que interliga com as ruas da Praça 25 de Junho e a Praça dos Trabalhadores. Chegando na rua da Praça 25 de Junho, indo em direcção à rua do Bagamoyo é possível observar nesta rua do Bagamoyo ao lado esquerdo algumas instituições e estabelecimentos tais como: Direcção Nacional de Geologia; Instituto Nacional de Inspeção do Pescado; Escola Nacional de Artes Visuais; ARPAC – Instituto de Investigação Sociocultural - Sede; Escola Nacional de Dança, e Serviço Materno Infantil. Quanto ao lado direito, nesta mesma rua do Bagamoyo é notável a existência de alguns bares, discotecas escritas Copa Cabana Night Club Strip Tease, Venus Nigt Club Live Namabel’s Jazz; alguns edifícios em construções; escritórios; Hotel Central Namabel’s Jazz Bar; Hotel Carlton<sup>1</sup> e esquinas<sup>2</sup>. A vista da rua do Bagamoyo existem outras ruas que fazem entroncamento como é o caso da Rua da Mesquita, Rua António Furtado e a Rua da Catembe.

---

<sup>1</sup> Dentro do hotel é possível notar vinte (20) quartos e seis (6) casas-de-banhos. As estruturas dos quartos é do tipo quadrado aparentando quatro metros lado a lado, cada quarto tem uma cama casal, tendo um colchão coberto de um lençol, uma almofada e por cima uma lâmpada. Quanto nas casas-de-banhos, nota-se uma torneira, um chuveiro tipo torneira, uma lâmpada em cada parte e uma sanita de escoamento de fezes. Segundo informante, “*nesse hotel entram muitos clientes, até chefes das empresas e outros que trabalham no governo gentes que tem dinheiro que quando largam as vezes vêm fuder aqui toda noite até amanhecer e outros uma hora duas horas depende [...]. Sabes? Os donos que controlam aqui, eles/as trazem mantas ou lençóis quando nos dissermos que os nossos clientes querem estar aqui até amanhecer*”.

<sup>2</sup> Esquinas são lugares onde algumas trabalhadoras de sexo costumam a realizar as suas actividades sexuais com os seus clientes. Nessas esquinas são vistos como corredores das casas-de-banhos dos prédios, garagens de carros e armazéns dos edifícios das instituições.

Em plenas ruas do “Bagamoyo e da Mesquita” lugares privilegiados pelo estudo, nota-se a existência de carros parados outros em movimentos. Também nota-se a existência de pessoas de diferentes idades indo e vindo isso nos períodos de manhã, de tarde, e de noite. Nos períodos de manhã e de tarde observa-se que o espaço dá acesso ao funcionamento de algumas instituições e estabelecimentos ali encontrados. Dentro das instituições isso nos períodos de manhã e tarde, podemos notar alguns funcionários de diversas categorias a exercerem as suas funções nos escritórios, outros nos gabinetes. Ainda nesses períodos, nota-se que o espaço também dá acesso aos vendedores das ruas e aos funcionamentos de alguns bares. Dentro dos bares nota-se a existência de vendas de diversos tipos de bebidas alcoólicas algumas bebidas escritas “só para maiores de 18 anos”.

Ao pôr-do-sol, isto é, ao anoitecer e durante anoite, observa-se que no espaço há uma metamorfose que também dá acesso as outras funcionalidades como é o caso de transmutação de identidades das mulheres trabalhadoras de sexo, muita movimentação de carros, pessoas indo e vindo, abertura das discotecas, algumas partes das ruas escuras, outras com as lâmpadas acesas dando a iluminação em algumas das ruas e entre outras partes.

Nas ruas nota-se o consumo de cigarros e bebidas alcoólicas. Também nota-se a existência de certas pessoas que trazem fogão junto com carvão e acendem o carvão para poder assar *espetos*<sup>3</sup> com vista a ser vendida naquelas ruas, e também existem vendedores ambulantes que circulam no espaço a venderem Pastilhas, Bolachas, Laranjas, Amendoim, Mandioca, Pão, Bolinhos, Ovos, e entre outros produtos comestíveis e outros produtos não comestíveis como: Jóias, Porcelanas, Brincos, Relógios, Colares, Vernizes, Batons, etc. E é notável também a presença dos guardas que a guardam os edifícios, os estabelecimentos, as instituições, as esquinas e bares.

## **6.2. Caracterização do perfil de grupo alvo entrevistadas**

No que concerne as mulheres entrevistadas nos seus locais de trabalho, isto é, na “Rua do Bagamoyo intersectando com a Rua da Mesquita”, elas variam dos 20 a 48 anos de idade. Abaixo, nota-se o quadro que, portanto caracterizam as mulheres trabalhadoras de sexo, nelas

---

<sup>3</sup> Palavra expressado por um vendedor de carne de porco, quando questionado diz, “*isso é espetos pedaços de carne de porco, enrolo num pauzinho e deixo aqui na assadeira para cozer e essas putas vem as vezes comprar (...)*”. Ainda questionado o vendedor de *espeto* sobre a expressão de “putas”, e ele diz o seguinte: “*putas é o que essas mulheres fazem aqui na rua (...)*”.

entrevistadas a partir de idade, escolaridade, estado civil, residência, ocupação, e números de filhos.

Idade	Escolaridade	Estado civil	Residência	Ocupação	N <sup>0s</sup> de filhos
20	10 <sup>a</sup> Classe	Solteira	Polana Caniço A	Estudante	0
26	10 <sup>a</sup> Classe	Divorciada	Zimpeto	Estudante	1
27	10 <sup>a</sup> Classe	Casada	Minkadjuine	Desempregada	2
29	11 <sup>a</sup> Classe	Casada	Chamanculo B	Comerciante	3
28	12 <sup>a</sup> Classe	Divorciada	Hulene	Estudante	2
35	12 <sup>a</sup> Classe	Casada	Boquisso	Trabalhadora de salão de beleza	4
39	10 <sup>a</sup> Classe	Viúva	Polana Caniço B	Comerciante	4
37	12 <sup>a</sup> Classe	Viúva	Mafalala	Desempregada	3
48	10 <sup>a</sup> Classe	Divorciada	Magoanine	Comerciante	4

Assim sendo, podemos verificar de que das nove (9) trabalhadoras de sexo aqui entrevistadas apresentam o nível de escolaridade entre 10<sup>a</sup> à 12<sup>a</sup> Classe. Algumas são chefes de famílias, outras são divorciadas, viúvas e uma é solteira, bem como mostra o quadro acima ilustrado. Observando o quadro, podemos notar que nos seus espaços residenciais, todas residem nos bairros periféricos da cidade de Maputo, sendo neste caso o bairro da Polana Cainço-A e B, bairro do Chamanculo-B, Minkadjuine, Hulene, Boquisso, Zimpeto, Mafalala e Magoanine.

Em termos das suas ocupações nas suas áreas residenciais nota-se que três (3) ocupam actividades comerciais, sendo que uma diz ter *mini-banquinha*<sup>4</sup> esta vendendo algumas bebidas como cervejas e refrescos; a outra diz que faz o comércio de roupas como blusas e lençóis; e a outra por sua vez também diz ter *mini-banquinha* onde vende produtos como tomate, couve, alface, cebola, cenoura, pimenta, óleo etc. Quanto as outras três (3) ocupam as suas actividades como estudantes; duas (2) são desempregadas e elas relatam que nos seus locais residenciais desempenham actividades domésticas; e a última uma (1) ocupa-se no Salão de Beleza e ela

---

<sup>4</sup> Termo usado pela informante, esta quando questionada diz: *é uma banca pequena que lá ficam alguns produtos e artigos básicos para vender nesse mesmo lugar.*

relata que as vezes no salão não lhe têm rendimento das suas necessidades económicas que podem caber em sua casa e pelo sustento dos seus filhos.

### **6.3. O Dia-a-dia das trabalhadoras de sexo nas “Ruas do Bagamoyo e da Mesquita”**

O dia-a-dia nas ruas do “Bagamoyo e da Mesquita” observa-se que a comercialização sexual é feita nos períodos de manhã, de dia e de noite, isso todos os dias, sendo de segunda a domingo, nos fins-de-semana quer nos dias de feriados, quer dias que faça chuva e faça sol, algumas trabalhadoras de sexo ficam presentes naquele local. Mas a comercialização sexual é mais notável nos finais de semana, sendo neste caso nas sextas-feiras, nos sábados e nos Domingos, período em que a presença dos clientes é muito maior nas noites. Em plenas ruas, é notável observar algumas trabalhadoras de sexo este em grupo composto por cinco (5) a seis (6), algumas estando paradas e as outras encostadas aos corredores de alguns edifícios e estabelecimentos que se encontram nas proximidades das ruas. Também é notável observar algumas que ficam duas (2) a três (3), outras sozinhas circulando pelas ruas.

Como naquele local passam tantas pessoas, as trabalhadoras de sexo quando vêm qualquer pessoa passando naquele espaço e quando os carros passam lentamente, é notável observar elas chamando a pessoa dizendo: “olá amor anda cá; passa daqui a meu bem; para lá papá, para lá paizinho”. Outras dizem, “tudo bem? Não vamos xupar? Oi! não vamos fazer *broche*<sup>5</sup>? aló fofinho não vamos aprovar minha *estombo*<sup>6</sup>?”. Quanto as outras dão um sinal de “psiu” de modo que as pessoas que acorrem lá olhem para elas com mais facilidade.

Diante a isso, nota-se que essas são formas pelas quais elas conseguem obter clientes. Quando a pessoa parar, seja os que vão ali de carros, observa-se que as trabalhadoras de sexo aproximam-se do sujeito apresentando-se de forma gesticulada e elas dizem: “qui tal não vamos à esquina? Vou-te fazer uma boa massagem até gostar vamos? Tudo é negociado, tens quanto vamos mor!”. Outras dizem, “não vamos fazer uma *keka*<sup>7</sup>? e xupar teu penes? haverá desconto e vais gostar”.

---

<sup>5</sup> Termo usado pela informante, esta quando questionada diz: *é fazer sexo oral, costumamos a pegar o penes do cliente para pormos na boca para ele sentir mais prazeres.*

<sup>6</sup> Termo usado pela informante, esta quando questionada diz: *é vagina.* Este termo é expressada em língua Changana.

<sup>7</sup> Termo usado pela informante, esta quando questionada diz: *é fazer sexo de pé, eu fico de pé e abro as minhas pernas para o pénis do cliente entrar na minha vagina.*

Os preços que estas mulheres trabalhadoras de sexo estipulam naquele espaço social variam entre 200 Meticais a 1300 Meticais para a prática do sexo vaginal incluindo também as diversas posições que os clientes precisam. Estas actividades sexuais são feitas nas esquinas, pensões e nos hotéis. Segundo informante, “quando um cliente quer fuder aqui, nos costumamos dizer na esquina é 200 Meticais, na pensão é 400 Meticais, e no hotel fazemos 500 Meticais, isso por algumas horas, si o penes do cliente esporar. Si for por toda a noite os nossos preços variam de 1000 Meticais a 1300 Meticais, sendo nos hotéis e nas pensões excluindo nas esquinas. Porque nas esquinas os guardas nos emprestam para fazermos algumas horas e nós pagamos a eles no valor de 30 a 50 Meticais cada entrada com os nossos clientes”.

As ruas aqui destacadas, isto é, as ruas do Bagamoyo e da Mesquita podemos considerar que estas fazem parte do universo social em que pode-se verificar várias “coisas”, sendo também um universo onde as trabalhadoras de sexo têm os seus modelos de vestes com saias curtas, calções também curtos que encontram acima dos joelhos, colantes, calças, blusas, casaco, chinelos, sapatilhas e sapatos altos. Tudo isso são vistos por diferentes cores.

Nas mãos das trabalhadoras de sexo é possível notar que elas portam bolsas e telemóveis. Segundo uma das informantes, “aqui dentro das nossas bolsas têm as nossas coisas como preservativos, calcinha, lencinho, papel higiénico, perfume, batom, creme, pomada, espelho, pente e as nossas roupas que costumamos vestir quando vamos nas nossas casas. Os telefones que você nos vem com ele aqui, é que alguns dos nossos clientes (clientes fixos) que têm os nossos números às vezes costumam a nos ligar para virem *bater*<sup>8</sup> aqui, outros quando querem prestar serviços aqui transferem dinheiro para nas nossas contas M-Pesa, daí os nossos negócios de *estombo* vendemos”.

Entretanto, nas cabeças das trabalhadoras de sexo, nota-se que estas trazem cabelos de diferentes feitios desde os artificiais aos naturais, tendo vários modelos de tranças e cores diferentes. Nas suas caras fazem maquiagens de diferentes tipos, que vão desde a pintura dos rostos até a pintura dos lábios, feitas de diversas cores.

---

<sup>8</sup> Termo usado pela informante, esta quando questionada diz: *é fazer sexo*.

#### 6.4. Trajetórias das mulheres trabalhadoras de sexo

Para neste parte apresento as trajetórias das mulheres trabalhadoras de sexo tomando como ponto de partida no espaço das suas residências até a chegada nos seus locais de trabalho sexual, isso na rua do Bagamoyo intersectando com a rua da Mesquita.

Durante as observações e entrevistas realizadas, notei naquelas ruas de que as trabalhadoras de sexo quando chegam nos seus locais de trabalho pelas 16:00 horas às 20:00 horas e das 20:00 horas às 06:00 horas do dia seguinte, elas vêm com roupas diferentes daquelas que se apresentam quando conquistam os seus clientes. Em relação a isso, quando são perguntadas pelos seus parentes, vizinhos dizendo “para onde é que vão” e algumas dizendo “durante a noite de hoje não te vimos, estavam aonde”, algumas explicam dizendo que estavam a trabalhar nos bares e nos restaurantes. Outras alegam dizendo que vão visitar os familiares que vivem longe das suas residências e outras explicam que vão ter com as amigas para conversarem assuntos de *Xitique*<sup>9</sup>. Assim sendo, acabam dormindo lá voltando no dia seguinte.

No que concerne ao deslocamento, isto é, os movimentos dessas trabalhadoras de sexo, elas saem das suas casas indo até às paragens de transportes semicolectivos de passageiros com vista a ter acesso ao transporte para ir em direcção a Baixa da Cidade de Maputo concretamente na rua do Bagamoyo intersectando com a rua da Mesquita para já realizarem os seus trabalhos nocturnos.

As trabalhadoras de sexo quando chegam nos seus espaços dos exercícios das suas actividades e dos seus trabalhos sexuais, entram nas esquinas, nos hotéis, e nas pensões para já trocaram as roupas providas das suas casas, usando roupas aquelas adequadas para as suas jornadas nocturnas. Daí saem desses lugares onde trocam as suas roupas, direccionando-se cada um e outros em grupo fixando-se nos seus espaços físicos para já iniciarem com os seus trabalhos sexuais perante aos clientes que aderem naqueles espaços.

Ao amanhecer do dia as trabalhadoras de sexo começam a preocupar-se em deixar os seus espaços para já voltarem as suas casas. Mas com isso, elas saem dos seus lugares, vão em direcção aos hotéis, pensões e algumas para as esquinas com vista para já trocaram as suas roupas

---

<sup>9</sup>“ Termo usado pela informante, esta quando questionada diz: *é uma poupança de dinheiro que nos costumamos a fazer por um grupo de amigas para contribuíremos de forma rotativa isso semana por semana.*

que usavam ao sair das suas residências. Após terem trocado as suas roupas, elas organizam-se e algumas tirando as perucas, limpando-se os bâtons, as maquiagens e trocando os sapatos altos para sapatos chamados *sabrinas*<sup>10</sup>, de modo a não serem distinguidas que são trabalhadoras de sexo, tal como diz uma delas, “*hiiii! Assim não vão nos confundir*”. Daí elas saem naqueles lugares e dirigem-se as paragens de transportes, isso na Praça dos Trabalhadores, assim como na avenida Karl Max e outras vão a Praça 25 de Junho para já terem que subir os transportes semicolectivos de passageiros de volta para as suas áreas residenciais.

### **6.5. O quotidiano das trabalhadoras de sexo nas ruas e nas suas áreas residenciais**

No quotidiano nota-se que as narrativas levantadas por mulheres trabalhadoras de sexo no que concerne aos mecanismos de gerência de identidades no comércio sexual é notavelmente através das suas formas de representação nos seus locais de trabalho, em termo de um conjunto de vestuários e produtos utilizados em determinados momentos das suas actividades sexuais, desde as saias e calções curtos, colantes, sapatos altos, as maquiagens, os batons, as perucas, extensões uso de cremes e perfumes.

No entanto, percebe-se também que os produtos utilizados pelas estas trabalhadoras de sexo configuram-se como dispositivos activados naqueles lugares com vista a atracção do seu público-alvo, diferentemente da forma como elas se representam nas suas áreas residenciais com vista a exercerem as outras actividades, bem como relatam as entrevistadas:

*Esta é a minha forma de apresentar aqui pra atrair clientes. Sabes! Nessa vida de foder que eu faço é dinheiro que quero. Pra ter procuro formas pra modificar-me pra o cliente quando mi ver logo o penes dele adiantar levantar. Bom, isso é diferente quando estou em casa não uso assim como você esta a mi ver aqui (...) A minha forma de ser e agir é diferente quando estou lá em casa com minha família e a vender meus outros negócios (...) (Rozaida<sup>11</sup> 48 Anos de idade).*

---

<sup>10</sup>Termo usado pela informante, esta quando questionada diz: *são tipo (sapatilhas) que não tem muita sola. A sola fica tipo liza.*

<sup>11</sup> Nome fictício.

Em conversas informais com as outras entrevistadas, Mónica<sup>12</sup> e Adelina<sup>13</sup> estas quando questionadas sobre os mecanismos de gerência de identidades e de como é que têm se representadas nos seus espaços residenciais a exercerem as outras actividades elas dizem o seguinte:

*Aaabay<sup>14</sup> os mecanismos são esses que estas a ver eu a modificar com essas coisinhas de maquiagens a por batom peruca usar roupa curta sapato alto perfume para começar com meu negócio de estombo jhon. Isso é para atrair os clientes que chegam aqui para fazer fuder. Esta é a minha forma aqui (...) Em casa sou diferente da forma de ser quando faço outras minhas coisas de lá, e mi apresento com outra forma de vestir não mi apresento assim como aqui estou humm (...) (Mónica 35 Anos de idade e Adelina de 27 Anos de idade).*

Ainda na conversa informal com a outra entrevistada Estefânia<sup>15</sup> aquando da mesma questão sobre os mecanismos de gerência de identidades e de como é que têm se representada no seu espaço residencial a exercer as outras actividades, por sua vez ela diz o seguinte:

*Aqui agente é assim de usar roupas curtas pra mostrar as nossas bundas cheias a se pintarmos os lábios com batom perfumar-se usar perucas maquiar-se para agente chamar atenção o cliente. Isso é negócio bay, aqui não si brinca eu tenho que estar assim para não mostrar a minha identidade própria sabes (...)! Em casa é encasa não fico assim como estou aqui, sou diferente a forma de apresentar agir e estar com a minha família e as vizinhas, nem quando vendo meus produtos na minha minibanquinha lá em casa uso as vezes capulana, calça depende yaaa (Estefânia 29 Anos de idade).*

O modo como as trabalhadoras de sexo se comportam e atuam na execução das suas actividades sexuais difere da forma pela qual estas tem-se comportado em suas residências. Elas constroem e gerenciam as suas formas identitárias nos espaços onde elas estão inseridas.

---

<sup>12</sup>Nome fictício.

<sup>13</sup>Nome fictício.

<sup>14</sup>Termo usado pela informante, esta quando questionada diz: *é que nem falar amigo*. Este termo “bay” elas expressam para designar amigo de modo a chamar um homem.

<sup>15</sup>Nome fictício.

A lógica é de que estas mulheres trabalhadoras de sexo manipulam as suas identidades no contexto do comércio sexual diferenciando as outras identidades daquelas provindas da esfera social que alguns autores na revisão da literatura mostraram, ao referirem-se de que “a sociedade cria um conjunto de categorias e atributos que definem a normalidade e sob os quais os indivíduos devem-se comportar e gerenciar as suas identidades” (Dubar 1997; Jodelet 2001; Guba e Lincoln 2004). Mas pelo que as trabalhadoras de sexo relatam nos seus contextos aquando do exercício das suas actividades profissionais compreende-se que estas criam as suas formas de gerência de identidade em cada espaço social de acordo com o local em que estas estão inseridas aquando exercem as suas actividades profissionais.

Ainda prosseguindo pelas conversas informais e entrevistas semiestruturadas com Suraia<sup>16</sup> e Ana<sup>17</sup> aquando estas questionadas sobre os mecanismos de gerência de identidades e de como é que têm se representada nos seus espaços residenciais quando exercem as outras actividades elas relatam o seguinte:

*Amigo si você vem aqueles que trabalham nos bancos da forma que usam as suas roupas pra trabalhar é a mesma forma como nós nus vestimos aqui quando queremos trabalhar pra os clientes nos apreciarem, os mecanismos são esses mesmos que você esta a nos ver com roupas curtas, é pra trocarmos nossas identidades aqui com essas maquiagens. Queremos vender estompo a vida não está fácil. Ooo! Isso é diferente quando estamos em casa a forma de nos apresentar com família, não queremos ser olhadas mal com vizinhas quando fazemos outros serviços lá nas nossas casas(...)* (Suraia 39 Anos de idade e Ana 20 Anos de idade).

Importa dizer que as relações que se estabelecem entre as trabalhadoras de sexo em contexto do comércio sexual configura-se como aquela que vivem modificando-se as suas identidades utilizando produtos industrializados como uso das perucas, extensões, batons, perfumes, etc, para designar as suas construções identitárias que criam em função do exercício das suas actividades profissionais, assim, tem um conjunto de produtos usados para a atracção da clientela que aderem para aquele meio social a procura de prazeres e diversões sexuais.

---

<sup>16</sup>Nome fictício.

<sup>17</sup>Nome fictício.

Assim sendo, as narrativas discursivas destas trabalhadoras de sexo ao dizer que “não querem ser olhadas mal nas suas áreas residenciais”, isso mostra que nos seus espaços residenciais as trabalhadoras de sexo elas enfrentam outras realidades como a desconstrução de identidades na medida em que realizam outras actividades domésticas para de certa forma não serem como referencia Goffman (1978) “estigmatizadas”. No entanto, elas acabam construindo as outras formas de identidades daquelas que a sociedade considera da normalidade em função daquilo que deveriam ser na sociedade, e não como a forma que têm se representadas no espaço do exercício das suas actividades profissionais, isto é, nos seus trabalhos sexuais.

Ainda em conversa informal com a outra entrevistada Atíja<sup>18</sup> também ela relata dizendo o seguinte:

*Ya isso é assim, a vida de hoje está difícil, a única coisa que faço é isso de estar aqui a vender meus tomates<sup>19</sup> pra ter dinheiro. Eu visto assim quando vendo aqui para atrair clientes (...). Bay! Eu em casa sou diferente a forma de usar, não uso dessa forma como estou aqui na rua, uso calças ou capulanas para as vizinhas não saberem como eu só (...)* (Atíja 37 Anos de idade).

Quanto as outras entrevistadas como Noca<sup>20</sup> e Vânia<sup>21</sup> estas por suas vezes dizem o seguinte:

*O que mi importa nessa vida é dinheiro que eu procuro pra sustentar meu estudo e minha filha, por isso saio em casa bem vestida e ninguém sabe aonde vou e venho aqui troco-me usando essa roupa para fazer meu trabalho (...). Essas maquiagens que faço aqui é pra eu tornar modificada só aqui, mas em casa uso outra forma, nem quando vou à escola também (...)* (Noca 28 Ano de idade e Vânia 26 Anos de idade).

As acções e os comportamentos das trabalhadoras de sexo no contexto do exercício das suas actividades sexuais e nas suas áreas residenciais ajudam-nos a compreender que elas constroem um campo de possibilidades e que tais possibilidades reflectem os mecanismos de gerência de identidades, visto que a utilização de certos produtos como maquiagens, batons, uso de perucas,

---

<sup>18</sup> Nome fictício.

<sup>19</sup> Termo usado pela informante, esta quando questionada diz: *é essa nossa parte da vagina (...)*. Este termo “tomate” ela quis dizer vulva, isto é, a parte exterior da vagina que inclui a união dos grandes lábios e pequenos lábios situadas na parte exterior dos órgãos genitais femininos.

<sup>20</sup> Nome fictício.

<sup>21</sup> Nome fictício.

extensões, perfumes, sapatos altos, e certos vestuários como saias e calções curtos etc., que estas têm usado naquele universo social, é acompanhado de uma construção através de um conjunto de ideias que nelas revelam-se em determinados espaços específicos na medida em que exercem as suas actividades em função das expectativas dos seus clientes a visto do espaço social.

A tal expectativa é a condição que estas mulheres trabalhadoras de sexo ativam os dispositivos como mecanismos de gerenciamento das suas identidades para obter atração do seu público-alvo naquele espaço social. E isso diferencia as outras formas de ser e agir em suas áreas residenciais, diante dos seus familiares, vizinhos, e entre outras pessoas para garantir as outras suas identidades em prol da sociedade e em relação as outras actividades que são exercidas em suas residências.

Assim sendo, ainda se percebe também que as identidades construídas dessas trabalhadoras de sexo, em determinados espaços que estas encontram-se inseridas, nota-se que são criadas formas de representações que, entretanto, são vistas em vários intercâmbios de cada dia-a-dia e que isto parte de uma negociação com a personalidade do outro perante um gerenciamento de múltiplas identidades vistas nas suas vidas quotidianas.

#### **6.6. Mecanismos de gerência de identidades no comércio do sexo**

As trabalhadoras de sexo quando questionadas sobre os mecanismos de gerência de identidades no comércio de sexo elas relatam dizendo o seguinte:

*Tenho estado assim mesmo aqui na rua para manter a minha imagem daqui a, por isso quando chego aqui? A primeira coisa que faço antes de iniciar vender estombo, primeiro modifico a minha imagem para chamar atenção os clientes que querem foder aqui. Se agente não se maquiar, modificar-se aqui os clientes não vão mi apreciar, eu tenho que usar assim sabes! (Suraia 39 Anos de idade e Ana 20 Anos de idade).*

Em quanto que as outras também relatam dizendo o seguinte:

*A maquiagem que faço e a roupa curta que visto aqui é para mudar minha imagem porque aqui trato dos meus trabalhos para os clientes que quer foder, não há outro papo bay. Bay o que mi importa nessa vida é dinheiro que eu procuro pra sustentar meu estudo e minha filha, por isso saio em casa bem vestida e ninguém sabe aonde*

*vou e venho aqui troco-me usando essa roupa curta para fazer meu trabalho* (Noca 28 Ano de idade e Vânia 26 Anos de idade).

A incorporação dos mecanismos de gerência de identidades no contexto do comércio das mulheres trabalhadoras de sexo é atrelada por trajetórias pessoais e sociais. Nessas trajetórias é denominado por três dimensões complementares: o aspecto cognitivo que é traduzido por regras nos espaços em que nelas estão inseridas; o aspecto afectivo que é exprimido por valores que regem as suas convivências; e o aspecto expressivo que é simbolizado em significados na qual as trabalhadoras de sexo expressam em vista do exercício das suas actividades (Dubar 2006).

Os outros relatos das trabalhadoras de sexo aquando da mesma questão sobre os mecanismos de gerência de identidades no comércio de sexo, elas relatam o seguinte:

*Aqui eu visto para manter a identidade daqui. Isso é nosso trabalho, negócio de foder (...) Aqui é preciso procurar formas para modificar a sua imagem pra o cliente quando logo ti ver ficar a gostar de você para foder, por isso estou assim e fico desse jeito aqui bay com essa minha forma aqui (...)* (Rozaida 48 Anos de idade).

Quanto as outras relatam dizendo o seguinte:

*Assim como estou ninguém vai mi distinguir quem sou eu aqui, por causa dessas das maquiagens que eu fiz e assim como eu estou. A minha imagem é outra, certo que cada um luta para estar bem brilhante na rua tudo é conquista para conquistar clientes que gostam de foder (...)* (Estefânia 29 Anos de idade e Mónica 35 Anos de idade).

Essas linguagens narradas e ilustradas pelas estas trabalhadoras de sexo nota-se que existem vários tipos de identidade pessoal, várias maneiras de construir identificações de si próprio e dos outros, vários modos de construção da subjectividade, ao mesmo tempo social e psíquica que podem ser muitas combinações das formas identitárias inicialmente definidas. Assim, observa-se que a personalidade individual do sujeito organiza-se em torno duma forma identitária dominante para o outro (Dubar 2006: 149).

A gerência das identidades corresponde as formas em que estas trabalhadoras de sexo manipulam as suas imagens mantendo aquelas imagens que são vistas no exercício das suas actividades em

determinados contextos específicos sociais. No entanto, essas identidades vistas aos espaços específicos, isto no comércio de sexo são totalmente construídas e reconstruídas, tal como mostra as narrativas das trabalhadoras de sexo estas quando narravam em função dos exercícios das suas actividades quotidianas. Isso é notavelmente pelas suas posições na medida em que se representam as suas formas de ser, agir e estar em acções que reflectem aquilo que fazem nos seus espaços específicos (Goffman 2002 e Hell 2006).

Segundo Fernandes e Zanelli (2006), ao ingressar em uma organização, indivíduos com características diversas se unem para actuar dentro de um mesmo sistema sociocultural na busca de objectivos determinados. Essa união provoca um compartilhamento de crenças, valores, hábitos, entre outros, que irão orientar suas acções dentro de um contexto pré-existente, definidas assim as suas identidades (Fernandes e Zanelli 2006: 57).

Na linha de pensamento de Hall (2006), a gerência das identidades sociais são vistas através dos conflitos sociais que o indivíduo enfrenta nas suas interacções sociais. Ainda segundo Hall (idem), esses conflitos provêm pelo facto de que o indivíduo já se atrai se mantendo coerentemente com a sua personalidade, ao mesmo tempo esse indivíduo, busca, entretanto, o de reconhecer-se como membro de uma comunidade (Hall 2006: 31).

Ainda questionadas as outras trabalhadoras de sexo sobre os mecanismos de gerência de identidades no comércio de sexo, elas relatam dizendo o seguinte:

*A forma como estas a ver com as perucas batons perfumes maquiagem que me ponho sempre aqui e com essa roupa curta é para eu ter que ter tornada mais atraente apenas aqui na rua, para ter outra imagem, vivo trabalhando assim bay, por que é meu negócio pra tratar os clientes que querem foder (...). Mas em casa uso outra forma, nem quando vou à escola também tenho estado com uma outra imagem. Agora aqui na rua tenho estado para manter uma atração dos clientes (...)* (Atíja 37 Anos de idade e Adelina de 27 Anos de idade).

Os mecanismos de gerência de identidades variam de acordo com os espaços em que as trabalhadoras de sexo interagem socialmente no contacto com o outro, seja em vista do comércio do sexo e em outras actividades que nelas têm realizadas nas suas áreas residências, sendo em seus espaços específicos sociais. Segundo Santinello (2011), nesses espaços a identidade do indivíduo é construída pela necessidade de sobrevivência, bem como as intrínsecas

variabilidades das relações sociais, e sua delimitação do contexto espaço e pelo tempo em que o sujeito está inserido.

Desse modo, trata-se de mecanismos de gerência de identidades que reflecte a maneira de como os indivíduos fazem parte do espaço físico, pelas relações e interacções que os mesmos indivíduos estabelecem-se nos espaços perante as suas práticas e vivências quotidianas em tempos determinados. É nesse caso que resulta estes tais mecanismos de gerenciamento das identidades no comércio das mulheres trabalhadoras de sexo que se regulam a vista dos exercícios das suas práticas exercidas nos seus espaços em interacções e relações com os demais entre os outros sujeitos em seus meios sociais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente trabalho analisei os mecanismos de gerência de identidades no comércio do sexo entre as mulheres trabalhadoras de sexo na Rua do Bagamoyo e na rua da Mesquita, na Baixa da Cidade de Maputo. Da pesquisa realizada, duas perspectivas de análise marcaram o discurso em relação ao debate sobre os mecanismos de gerenciamento de identidade nas Ciências Sociais. A primeira perspectiva de análise evidenciou que as mulheres trabalhadoras de sexo têm um comportamento que estas sobrepõem-se aos demais papéis interferindo assim nas outras esferas da vida pessoal. A segunda perspectiva de análise referiu que as identidades das trabalhadoras de sexo são resultados de um processo de aprendizagem no quotidiano.

No geral, a literatura analisada permitiu-me compreender que em seu quotidiano as trabalhadoras de sexo aprendem a sua profissão e sobrepõem-se aos demais papéis sociais existentes. Entretanto, ao procederem deste modo perdem de vista outras dinâmicas ligadas a gerência das identidades, bem como a forma pela qual as trabalhadoras de sexo gerem as suas identidades nos locais identificados.

Diante das limitações identificadas e com base na análise do material etnográfico recolhido em duas avenidas por mim seleccionadas na baixa da cidade de Maputo, a presente pesquisa mostrou que, em seu quotidiano as mulheres trabalhadoras de sexo quando fora desta actividade administram diferentes papéis sociais, tais como mães, filhas, chefes de família, esposas, donas de casa, colegas de trabalho e educadoras, gerindo ainda de tal modo outras actividades do quotidiano, tais como ser estudante, comerciante, bem como outras actividades de índole remunerativas. Nesta ordem de ideias, quando no comércio sexual, as mulheres trabalhadoras de sexo a partir das vestes (Mini-saias, blusas transparentes, sapatos de salto alto e cirolas), bem como das várias formas de embelezar e dar destaque ao corpo (uso de maquiagem, batom, perucas) criam uma identidade própria daquele local, com vista a atender a questões de concorrência e satisfação da clientela que ocorre àqueles espaços, sendo deste modo, mulheres que assumem diversos papéis na vida quotidiana, transitando entre distintas identidades no seu dia-a-dia.

Distintas das análises avançadas por autores como Correia (1991); Goffman (2002) e Lopes (2001) que olharam para o comércio sexual como uma actividade que interfere na sociedade, este estudo partiu da ideia de “mecanismos de gerenciamento das identidades” utilizadas pelas trabalhadoras de sexo na rua do Bagamoyo e na rua da Mesquita, como um processo que permite

captar por meio dos dados etnográficos, os sentidos atribuídos por estas aquando das suas actividades quotidianas.

Os resultados da presente pesquisa permitem concluir que as mulheres trabalhadoras de sexo participantes deste estudo adoptam no seu quotidiano um conjunto de estratégias, aquando do gerenciamento das suas identidades, tendo em conta as actividades que estas desempenham fora do comércio sexual, omitindo-a, com vista a não entrarem em choque com outros papéis por elas desempenhados tais como o de ser mãe, esposa, filha, dona de casa, educadora, etc. Nesta ordem de ideias, as trabalhadoras de sexo saem de suas casas na ideia de que vão passear, a igreja, visitar parentes ou trabalhar em locais de diversão noturna como bares e discotecas, mas que, ao chegarem no local onde desempenham as suas actividades, mudam a sua forma de ser e estar, com vista a dar lugar a outra identidade, no caso específico a da trabalhadora de sexo.

Esta é uma pesquisa exploratória que abre a possibilidade de pensar o conceito de identidade como algo continuamente construído e que se reconfigura no quotidiano, permitindo-nos compreendê-lo como algo complexo e interligado as demais actividades da vida social dando-nos desta forma a possibilidade de identificar as várias dinâmicas a ela associadas, oferecendo-nos pistas futuras sobre a questão das identidades em outros contextos da vida social.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Abrahamsson, H. e Nilsson, A. 1998. *Moçambique em Transição: Um estudo da História de Desenvolvimento Durante o Período 1974-1992*. Suécia: Padrigu CEEI-ISRI.

Alberto, M. C. 2013. *Trabalho, lazer e sensualidade numa oficina de mecânica de automóveis em Kassi-Kassi na Matola*. Maputo: UEM/DAA. Tese de Licenciatura em Antropologia.

Bertaux, Daniel. 2002. *L'approche biographique, sa validité méthodologique, ses potentialités: Cahiers int sociol.*

Cardoso de Oliveira, Roberto. 2006. *O trabalho do antropólogo: Capítulo 1 o Olhar, Ouvir, Escrever*. São Paulo: Editora UNESP, pp.17-36.

Camacho, G. e Rocha, A. 1934. *A Bailarina de olhos brancos*. Lisboa: Editora Casa Nunes de Carvalho, p. 31.

Castells, Manuel. 1999. *O Poder da Identidade*. São Paulo: Editora Paz e Terra. Vol. II.

Colleyn, Jean-Paull. 2005. *Elementos de Antropologia Social e Cultural*. Lisboa: Edição 70.

Correia, J. 1991. *Mudança educacional e formação: venturas e desventuras do processo social da produção de identidade profissional dos professores*. Inovação, pp. 149-165.

Dubar, Claude. 1997a. *A Socialização: Construção das Identidades Sociais e Profissionais*. Porto: Porto Editora.

Dubar, Claude. 2006b. *A Crise das Identidades: a interpretação de uma Mutaçãõ*. França: Edições Afrontamento, pp. 141-194.

Fernandes, K. e Zanelli, J. 2006. *O Processo de Construção e Reconstrução das Identidades dos Indivíduos nas Organizações*. RAC. V. 10, nº 1. Pp 55-79.

Geertz, Clifford. 1989. *A Interpretação das culturas: Capítulo 1 Uma Descrição Densa por uma Teoria Interpretativa da Cultura*. Rio de Janeiro: Editores Jorge Zahar, pp. 1-21.

Gil, António. 1987. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. São Paulo: Atlas.

Goffman, Erving. 1978a. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Editores Zahar. 2ª Edição.

Goffman, Erving. 2002b. *A Representação do Eu na Vida Quotidiana*. Brasil: Editora Vozes. 10ª Edição.

Goldenberg, M. 2000. *A Arte de Pesquisar: Como Fazer uma Pesquisa Qualitativa em Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Record.

Guba, E. e Lincoln, Y. 1994. *Competing paradigms in qualitative research. Handbook of qualitative research*. London: Sage Publications.

Guerra, Obonyo. 2015. *Gestão de identidade: uma análise de relatos de trabalhadoras de sexo na cidade de Maputo*. Maputo: UEM/DAA. Tese de Licenciatura em Antropologia.

Hall, Stuart. 2006. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A.

Jodelet, D. 2001. *As representações sociais*. Rio de Janeiro: Eduerj.

Lee, M. E; e O'brien, R. 2005. "The games up: Redefining Child Prostitution". London: The Children's Society.

Lopes, L. 2001. "Práticas narrativas como espaço de construção das identidades sociais: uma abordagem sócio-construcionista", in: *Narrativa, Identidade e Clínica*. Rio de Janeiro: Edições IPUB/CUCA. pp 56-71.

Machado, Hilka Vier. 2003. *A Identidade e o Contexto Organizacional: Perspectiva de Análise*. RAC: Edição Especial, pp. 51-73.

Minayo, M. e Sanches, O. 2012. "Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou Complementaridade", in *Cadernos de Saúde Pública*. 9 (3): 239-262.

Mosse, David. 2005. *Cultivando o Desenvolvimento: Uma Etnografia de Políticas e Práticas de Ajuda*. Londres: Plutão, p. 1-20.

Muianga, Baltazar. 2009. *Risco e Saúde no contexto do VIH/Sida, o caso da Prostituição na Baixa da Cidade de Maputo*, Março.

Oliveira, A. 2004. *Da prostituição ao trabalho sexual: atrizes, práticas e contextos*. Porto: FPCEUP. Dissertação de Mestrado não publicada.

Peirano, Mariza. 1995. *A Favor da Etnografia*. Rio de Janeiro.

Quivy, R. e Campenhoud, L. V. 2003. *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.

Russo, G. 2007. *No labirinto da prostituição: o dinheiro e seus aspectos simbólicos*. Brasília: Loyola.

Santinello, Jamie. 2011. *A Identidade do indivíduo e sua construção nas relações sociais: pressupostos teóricos*. Rio de Janeiro: Curitiba, pp. 153-159.

Santos, Clara. 2005. *A Construção Social do Conceito de Identidade Profissional*. pp. 123-144.

Silva, J. e Vergara, S. 2000. “Mudança organizacional e as múltiplas relações que afetam a reconstrução das identidades dos indivíduos”. Anais do Encontro Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Administração: Salvador BA/9. pp 71-99.

Silvestre, H. C. 2010. *Gestão Público: Modelos de Prestação no Serviço Público*. Lisboa: Escolar Editora.

Tinta, E. 2013. *A vida atrás dos riscos: uma análise antropológica da prática da prostituição na Cidade de Maputo*. Maputo: UEM/DAA. Tese de Licenciatura em Antropologia.

UNIFPA, 2008, *Projeto Inclusão: Estratégia de Inclusão de Grupos de Adolescentes e Jovens mais Vulneráveis no Programa Geração BIZ*, Moçambique.

Velho, Gilberto. 2009. *Antropologia Urbano: Encontro de Tradições e Novas Perspectivas, sociologias, problemas e práticas*, n<sup>o</sup> 59, pp. 13-15.

Woodward, Kathryn. 2000. *Identidade e diferença: A Perspectiva dos Estudos Culturais*, in: Tomaz Tadeu da Silva (Org.). Petrópolis: Vozes.